

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Diego Tadeu Souza Rocha

O ENCONTRO EXISTENCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

Belo Horizonte

2025

Diego Tadeu Souza Rocha

Diego Tadeu Souza Rocha

O ENCONTRO EXISTENCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt-Terapia.

Orientação: Dr. José Paulo Giovanetti

Belo Horizonte

2025

150 Rocha, Diego Tadeu Souza.
R672e O encontro existencial na contemporaneidade [recurso eletrônico] /
2025 Diego Tadeu Souza Rocha. - 2025.
 1 recurso online (45 f. : il.): pdf.
 Orientador: José Paulo Giovanetti.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia
Clínica: Análise Existencial e Gestalt- Terapia - Universidade Federal
de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Psicologia. 2.Fenomenologia existencial. 3.Existencialismo.
4.Desenho animado - Japão. I. Giovanetti, José Paulo. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Folha de Aprovação

O ENCONTRO EXISTENCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

DIEGO TADEU SOUZA ROCHA

monografia defendida e aprovada, no dia **trinta de maio de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

José Paulo Giovanetti - Orientador

FAFICH/UFMG

PMaria Madalena Magnabosco

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 10 de julho de 2025.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
Coordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**, **Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 10/07/2025, às 13:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4370793** e o código CRC **8D7847E3**.

À minha noiva, grande amor, inspiração e pilar de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me reconhece, aceita, cuida, abençoa e orienta na difícil tarefa de ser-no-mundo.

À minha noiva Lorena, que em breve será minha esposa, mas que já é minha companheira incrível e minha família. Sou grato por todo amor, apoio, carinho, diálogo, perdão, segurança, amizade, respeito, confiança, cuidado e pelas ideias que sempre compartilha. Você é meu alicerce em tudo que faço e conquistei de significativo na vida. Sem você, não teria alcançado a felicidade, tampouco me tornado psicólogo ou buscado a especialização. Te amo!

À minha família, que tem se aproximado cada vez mais e me apoiado nas adversidades da vida.

À minha psicóloga, que acolheu incansavelmente minhas queixas sobre o sofrimento de produzir este trabalho. De fato, não pertencço ao grupo dos escritores acadêmicos, mas sim aos que vivem a prática.

Ao meu orientador, cuja orientação no referencial teórico, metodologia e execução deste trabalho foi essencial. Sua escuta e articulação me ajudaram a enfrentar a ansiedade e tornar este projeto realidade.

Aos professores do curso, profissionais brilhantes e mentores inspiradores, que me encorajaram a seguir em frente e me deram a honra de citá-los e de caminhar ao lado, nesta trajetória.

Eu não quero um presente ou magia poderosa. O maior prazer da magia é justamente a busca que fazemos por ela. (Frieren)

RESUMO

A presente monografia buscou entender o relacionamento humano na contemporaneidade. Para isso, partiu-se de uma pesquisa bibliográfica não sistematizada, com foco em dois autores contemporâneos, que tratam os temas contemporaneidade, relações humanas e o encontro, são eles Byung-Chul Han e José Paulo Giovanetti. Ao final, para demonstrar os resultados de forma leve e afetuosa (sobretudo para os leitores fora da psicologia), adotou-se a metodologia de pesquisa comparativa, cruzando o que foi possível encontrar no levantamento bibliográfico e o que é percebido nas relações encontradas na animação japonesa “Frieren e uma jornada para o além”. Assim, concluiu-se que a situação atual das relações é de desnutrição, com uma sociedade focada na superficialidade, consumo e desempenho, o que desaguou no isolamento humano. Ademais, o encontro-existencial foi percebido como possibilidade de retomada da vitalidade pessoal dos sujeitos e que se buscarmos de forma intencional, ainda é possível manter-se aberto a afetação existencial ao outro, sendo a arte, via de inspiração, como foi perceptível no anime.

Palavras-chave: Encontro existencial; Psicologia existencial; Anime japonês.

ABSTRACT

This thesis aimed to understand the nature of human relationships in contemporary times. To achieve this, it employed an unsystematic bibliographic review focused on two contemporary authors — Byung-Chul Han and José Paulo Giovanetti — who address themes such as modernity, human relationships, and existential encounters. In the final stage, to present the findings in a more accessible and heartfelt way (especially for readers outside the field of psychology), a comparative research methodology was adopted. This involved crossing what was possible to find from the bibliographic review with observations drawn from the Japanese animation *Frieren: Beyond Journey's End*. The study concluded that human relationships today are experiencing a form of malnourishment, shaped by a society centered on superficiality, consumerism, and performance, ultimately leading to human isolation. Furthermore, existential encounters were identified as a potential path to restoring personal vitality. If intentionally sought, it is still possible to remain open to existential affectation, with art serving as a powerful source of inspiration, as evidenced in the anime.

Keywords: Existential encounter; Existential psychology; Japanese anime.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEMPORANEIDADE	12
2.1 Contexto.....	12
2.2 Lazer e intimidade	13
2.3 Trabalho	13
2.4 Saúde versus trabalho	14
2.5 Perda da saúde	15
3 PODERÍAMOS IR ALÉM?	20
3.1 Desafios para ir além.....	21
3.2 A relação que nutre	23
3.2.1 <i>O Encontro</i>	23
3.2.2 <i>O encontro na atualidade</i>	24
3.2.3 <i>O Encontro e a sua potência</i>	26
4 ALÉM DA JORNADA	29
4.1 Buscando além e os encontros	31
4.1.1 O que leva ao além	31
4.1.2 Breve resumo da obra	32
4.1.3 Metodologia.....	32
4.1.4 <i>Ato 1</i>	33
4.1.2 <i>Ato 2</i>	37
4.1.3 <i>Ato 3</i>	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

É evidente que o ser humano nasce imerso em um mundo já existente, cercado por outras pessoas. Também é fato que, ao longo da vida, encontrará diversos indivíduos com quem se relacionará, mesmo sem desejar. Na atualidade, as dinâmicas destas interações são moldadas pelas características sociais do século XXI, como o culto ao poder (tu podes), o esgotamento, consumo, o isolamento, entre outras.

Este trabalho revela-se pertinente por abordar as transformações que impactam as relações humanas na contemporaneidade e por investigar se a adesão ao encontro-existencial pode representar um caminho para resgatar a vitalidade entre as pessoas. Para isso, adota-se a abordagem fenomenológico-existencial, aliada à metodologia de pesquisa comparativa, com o intuito de verificar, à luz da teoria do encontro, se seria possível identificar perspectivas de transformação pessoal. Ademais, utilizou-se da obra *Frieren e a Jornada para o Além*, de Kanehiro Yamada — como recurso escolhido para tornar a proposta mais acessível e sensível, especialmente aos leitores fora da área da psicologia.

A pesquisa bibliográfica foi conduzida de forma não sistemática, buscando diretamente em autores centrais para a discussão. Os principais referenciais teóricos utilizados foram Byung-Chul Han e José Paulo Giovanetti, cujas obras recentes oferecem contribuições relevantes sobre contemporaneidade, relações humanas e o conceito de encontro na perspectiva fenomenológico-existencial.

A monografia está estruturada em capítulos que seguem o fluxo dos pensamentos que nortearam sua construção. O segundo capítulo aborda o contexto contemporâneo; o terceiro explora as possibilidades e desafios para superar o estado atual das relações humanas; o quarto analisa o anime como campo de aplicação do que foi encontrado; e o quinto apresenta as conclusões finais.

Espero, com este ensaio, refletir sobre uma temática tão atual e significativa, especialmente a partir de dois elementos muito caros a mim: a abordagem fenomenológico-existencial e a sensível obra *Frieren e a Jornada para o Além*. Ambas me proporcionaram novas formas de pensar as relações humanas, e meu desejo é que outras pessoas também possam se beneficiar dessa perspectiva. Para isso, comprometo-me a entregar o melhor de mim — com presença, humildade e o reconhecimento de que elaborar este trabalho foi, ao mesmo tempo, desafiador e profundamente importante.

2 CONTEMPORANEIDADE

2.1 Contexto

O século XXI é marcado por ideias individualistas e neurocentradas, onde o centro de tudo é o eu. Até mesmo as doenças e transtornos têm como base a fantasia de que o ser humano pode romper seus limites por si só, de forma distante e sem a participação de outro. Ao contrário do que se observava até o final do século anterior, que defendia a importância de estar próximo das pessoas (bairro, cidade e país), considerando o estranho/estrangeiro como ameaçador (Han, 2015). Após duas guerras, como poderia alguém não vislumbrar que o exterior pode representar um risco? Muitas vidas foram perdidas, especialmente nos países diretamente envolvidos nas grandes guerras, o que nos leva a pensar que a ressalva natural do homem diante do não-eu — devido ao estranhamento inerente frente ao desconhecido — foi mais que confirmada.

Meus avós e pais contavam que, mesmo podendo sair para brincar e trabalhar na rua em segurança, era necessário ficar atento aos “estranhos” (pessoas de fora da comunidade), já que os “daqui” eram conhecidos. Han debate temas como esse em seu livro *Sociedade do Cansaço*, explanando como o novo século tratou o medo ou estranhamento comum ao diferente como algo inútil. Agora, o imperativo é precisar do estrangeiro, visto que vivemos em um mundo globalizado, onde todos transitam livremente e levam suas vidas felizes, como em um conto de fadas. Infelizmente, a realidade é diferente: na prática, o que é global é o mercado, o fluxo de capital, a cultura para consumo e o sentido de vida, que se concentra na busca pela performance acima de tudo, endossando uma postura existencial que leva ao isolamento e à exaustão.

A abolição do outro enquanto alteridade e a adoção dele como igual resultaram em um vácuo que antes ocupava a responsabilidade existencial de ser com o desconhecido. Coexistir com o estranho exige criar, inventar e elaborar, respeitando os limites desse desconhecido, o que resulta em algo novo, normalmente co-construído. Contudo, agora, esse espaço está preenchido pelo consumo, pela performance e pelo individualismo (Han, 2015).

Nesse mesmo sentido, Giovanetti (2019) complementa que a entrada da tecnologia em nossas vidas gerou uma dependência que resultou em um adoecimento existencial. O vínculo quase simbiótico com os aparelhos tornou-se uma extensão da existência humana, mesmo que, antropologicamente, não tenhamos constituído dessa forma. Essa nova realidade, ampliada constantemente, caracteriza uma sociedade baseada em consumo, lazer e aparência.

2.2 Lazer e intimidade

Ignorar que, na realidade, o outro também apresenta a potencialidade de nos impedir levou à extinção da diferença, restando apenas uma única opção: o igual. Esse igual não convoca a inventividade e a construção/co-construção, devolvendo qualquer investimento (que seria comumente voltado para fora), para o eu (agora o único auxílio, isolado). Isso aumenta a carga sobre os ombros de qualquer ser humano, não é mesmo? Processos excludentes, bloqueios e rejeições devem existir para o bem humano, pois o relacionamento entre humanos é recheado de interdições diante do limite do outro. Ignorar isso nos leva ao isolamento, que culmina na impossibilidade de realizar trocas e crescer junto ao diferente.

É possível observar que o grande sincretismo cultural alterou até mesmo as expressões mais próprias dos indivíduos em seu íntimo e local, como a língua falada e o modo de vestir. Agora, múltiplos termos estrangeiros são inseridos cotidianamente, e marcas internacionalmente conhecidas estampam nossos corpos como outdoors ambulantes. Tornamo-nos uma sociedade baseada no consumo e inter-relações ativas na política da boa vizinhança, preenchendo a angústia frente ao estranho com bens de consumo, impedindo acessos a saídas existenciais (criativas) possíveis. Isso nos leva a pensar que tanta positividade acabará por criar, em sua essência, um tipo de violência que exaurirá aqueles que cedem às cobranças de ter que ser (e ser sozinho) e congelará quem percebe e tenta agir contra (Han, 2015).

2.3 Trabalho

O novo modelo de trabalho, conforme ensina Han em *Sociedade do Cansaço*, deixou de ser baseado na vigilância de um outro disciplinar, anteriormente representado na figura do fiscal, gerente, gestor ou posição hierárquica superior. Passou a ser ideológico, onde, para se tornar 'alguém', é preciso performar em seu ápice; caso contrário, você será considerado um fracassado. A resistência encontrada nos processos produtivos, que mediava velocidade versus capacidade humana, realizada pelos trabalhadores e os direitos trabalhistas, como jornadas e funções previstas, passou a ser invalidada pela ideia de que é possível romper os limites humanos. Aqueles que não conseguem sobreviver nesse ápice não servem mais. Assim, sem

limites e com maior produtividade, os trabalhadores foram levados a acreditar que podem se realizar na produção, maximizando, na verdade, o crescimento do sistema.

Antes, para além da subsistência, trabalhávamos porque era um valor atrelado a honra; lembro da frase “O trabalho dignifica o homem”, repetida por meus avós e pais. Agora, trabalhamos porque devemos ser produtivos e transcender nossas capacidades diz como somos existencialmente bem-sucedidos. Esse novo modo de ser, segundo Han, exclui pessoas que não se adequam à nova norma e busca os motivados, cheios de energia para provar-se existencialmente.

No entanto, se não existe mais a oportunidade de resistir ao desgaste e ao consequente dissabor encontrado, a nova educação para o desempenho leva o sujeito à exaustão, conformando-se, o que ainda o impede de perceber o que está causando essa condição (Han, 2015). No Brasil, os reflexos desse modelo podem ser observados nas constantes reformas da previdência e flexibilizações dos direitos trabalhistas, que encurtaram as possibilidades de saída do trabalhador, traduzindo-se em terceirizações em larga escala e na glamourização do trabalho via aplicativo ou plataforma, vendido como uma oportunidade de ser seu próprio patrão. Na realidade, isso apenas abre margem para a exploração de multinacionais, e os salários maiores (que o povo precisa buscar agora) são apenas para aqueles que ultrapassam 12 horas de trabalho todos os dias, comumente sem folga. Trabalhar isoladamente, seja para um aplicativo ou em home office, tornou-se mais que uma saída à pandemia; agora é um objetivo de vida.

Nesse mesmo sentido, Giovanetti (2019) complementa que o trabalho atual revela uma ideologia “light”, pois, com o teletrabalho, realizado de casa, de outras cidades ou até de outro lugar do mundo, trouxe uma falsa sensação de que, sem deslocamento e em locais anteriormente reservados ao descanso e lazer, o trabalho se tornaria mais leve e agradável, sobrando mais tempo para o lazer enquanto melhorava a produtividade. Contudo, o que foi possível observar na vivência pandêmica e posteriormente é que esse modelo trouxe maior exaustão e confusão entre os locais de trabalho e descanso, obrigando o trabalhador a utilizar os recursos de sua casa para levar resultados aos contratantes.

2.4 Saúde *versus* trabalho

Diante do exposto, é possível identificar que a dimensão existencial humana, responsável pela orientação de vida e pela tomada de atitudes pessoais, está sendo fortemente

abalada por essa nova forma de viver. Essa busca pela transcendência dos limites, para o sucesso e autorrealização na cadeia produtiva, acaba invertendo a percepção existencial diante dos limites encontrados no não-eu. Isso proporciona uma falsa sensação de liberdade, baseada no poder excessivo e fantasioso de sucesso produtivo, que inviabiliza trocas reais e o crescimento pessoal: aquele encontrado no encontro humano genuíno, no qual há inventividade e co-criação.

Lembro-me da liberdade como ação (POMPEIA; SAPIENZA, 2011), que só é liberdade quando podemos abrir mão do anterior e decidir trilhar um novo caminho — caso contrário, não estamos sendo livres. Isso se alinha à análise sobre o esgotamento existencial de Han, que aponta que as doenças mentais dessa sociedade são fundamentadas no paradoxo de uma liberdade coercitiva ou da maximização do desempenho, onde o sujeito é agressor e explorador de si mesmo, sentindo-se entrelaçado à estrutura vigente e perdendo-se sem se afastar, o que culmina por afetar a integralidade do ser e resultar em esgotamento (Han, 2015).

2.5 Perda da saúde

Cansados e sem novos caminhos, por nos ocuparmos com a autorrealização no destaque e no consumo, ficamos impedidos de nos relacionar verdadeiramente. Aqueles momentos em que podemos nos aprofundar no outro, desbravando seu desconhecido e fazendo trocas existenciais coerentes com nossa potência de vida, eram valorizados na época de meus avós e na juventude de meus pais.

O cansaço vivido no século atual é diferente do encontrado no século anterior. De acordo com Han, o primeiro é capaz de fazer com que as pessoas se unam para ajudar umas às outras, promovendo a união e a resistência; o segundo, por sua vez, impede a divisão do cansaço com os outros, visto que uma das características vigentes é a solidão. Assim, a compaixão, antes praticada em comunidade, dá lugar ao desencontro, individualismo e ao sofrimento solitário. Agora, nem mesmo o cansaço nos dá permissão para “pisar no freio”, pois nesta sociedade ele se tornou uma oportunidade de destaque. Logo, penso na frase clichê de coaches da internet, que sugere que o cansaço é apenas mais um desafio a ser superado: "Trabalhe enquanto eles dormem".

Penso que desafio é algo que pode ser transponível, enquanto os limites são intransponíveis. O cansaço no século passado era algo que só poderia ser vencido com a união

entre as pessoas, criando algo novo em comunidade. Agora, ele divide, sendo visto como algo a ser superado, seja destruindo a própria saúde ou utilizando estimulantes.

Se até Deus criou um dia para descansar, isso realmente vale ouro para a saúde e na roda produtiva. O manejo saudável do cansaço deve considerar os limites da saúde, pois, de acordo com Han, ele comunica o que precisamos deixar de lado ou pedir ajuda a alguém, permitindo que o homem suspenda a responsabilidade de cuidar de si e delegue essa tarefa ao outro.

Ainda em Han, ao abrir-se ao outro para ser cuidado, poderíamos trocar experiências e criar algo juntos, o que possibilitaria o crescimento de ambos. Esse encontro sadio nos salvaria e rejuvenesceria, considerando que sempre há a possibilidade de um novo eu surgir. Portanto, talvez uma alternativa a esse processo atual seja cultivar a abertura para o encontro de forma saudável e pessoal, como na época de nossos avós.

A busca pelo sucesso profissional tem sido outro ponto de atenção na contemporaneidade, que afasta as pessoas. No século passado, a formação técnico-acadêmica era direcionada à entrada em uma profissão ou ao desenvolvimento de habilidades para resolver problemas encontrados no cotidiano do trabalho. Hoje, a capacitação profissional ocorre como um sentido de vida interligado ao trabalho contínuo. Se o trabalho não pode ter fim e deve sempre romper limites, não há formação ou portfólio suficientemente bons. Isso faz com que a experiência de capacitação consuma, de forma infundável, boa parte da vida das pessoas, isolando mais uma vez o ser.

Além disso, a dimensão do relacionamento objetal e o acesso a tudo, pela via do consumo, modificaram a forma de se relacionar, que antes era um movimento natural do homem para fora de si. Agora, a imaginação que criava cenários possíveis, valorizando o não-eu, encontra-se repleta de expectativas de perfeição do outro, o que contamina a imaginação e nos faz sonhar acordados. A cobiça por viver experiências mentais e virtuais, consumindo o outro como objeto, nos paralisa em nossas imaginações ou nos frustra nas primeiras tentativas, o que nos separa ainda mais, represando toda a energia inicialmente despendida para fora e embotando o ser.

O homem agora se relaciona com o outro apenas por meio do consumo, reduzindo as relações a algo meramente técnico e sem cor. O movimento natural para fora torna-se altamente idealizado e frustrante. “[...] O amor se positiviza na sexualidade, a qual está [...] à ditadura do desempenho.” (Han, 2017, p. 14). O sexo e a pornografia se tornam as principais vias de contato corporal, perpetuando o isolamento dos sujeitos, pois, para unir-se ao outro, é necessário coragem e enfrentamento, dimensões que não transitam pela via do consumo, que permite

apenas a positividade. O encontro genuíno entre pessoas, no qual a diferença do outro influencia de tal modo em minha vida que passo a ver também a vida sob sua perspectiva, deixou de ser uma característica do amor.

Entendendo que quem ama enfrenta e também cede diante da dimensão da negatividade, abre-se para a criação de algo novo, algo co-construído. Esse relacionamento encontra-se na mais profunda intimidade com o outro, é um acontecimento que não se planeja, mas que ainda é co-construído. É como uma árvore que você pode até pensar que tem grandes chances de crescer, mas como ela será, você não tem ideia. Para amar, é preciso reconhecer o outro e a si mesmo junto ao outro, identificando o que gosta ou não nessa relação. Sem negatividade e planejamento, isso não é possível; a relação torna-se superficial e objetal, quase uma extensão ou projeção narcísica de si, na qual o outro é útil, mas não é comigo.

O amor na sociedade contemporânea não tem mais espaço para a negatividade, apenas para o agradável. A sociedade atual tornou-se voltada ao desempenho e “[...] dominada pelo poder, onde tudo é possível, onde tudo é iniciativa e projeto, não tem acesso ao amor enquanto vulnerabilidade e paixão.” (Han, 2017, p. 15). O sujeito vive apenas na dimensão sexual, sem eros, mantendo-se ensimesmado, consumindo pornografia e não se encontrando com o outro, sem contato com a negatividade. Ele não é confrontado, não cede, não co-cria, não vive um encontro profundo e muito menos o amor. Não há mudança; é apenas estagnação, proteção que reforça o ego e afasta do diferente, mantendo-se no habitual.

Sem poder se relacionar com a privacidade do outro, o que resta é consumir seus corpos, seja por meio de imagens ou sexualmente, sem a existência de amor e vínculos verdadeiros, apenas pela excitação e performance no desempenho. O “distanciamento originário” impede que o outro seja coisificado como um objeto, como um “isso”. O outro, enquanto objeto sexual, não é mais um “tu”. Não é possível haver relação com ele. A “distância originária” produz aquele decoro transcendental que liberta, sim, mas também distancia o outro em sua alteridade (Han, 2017).

Experimentar o outro em sua alteridade é experimentar o que é dele e não meu, promovendo a diferenciação que nos ajuda a perceber nossos limites nas relações e no mundo. Se não posso dirigir a palavra ao “tu”, às pessoas, não experimento as negatividades que me ajudam a saber quem sou no mundo. Isso dá uma falsa sensação de que meus fracassos e sucessos são exclusivamente construídos por mim e não co-construídos (eu/tu), o que permite o aparecimento do cansaço, da depressão e de uma grande solidão (mesmo acompanhado), uma vez que encaramos as pessoas como algo e não como alguém.

A internet teve impacto nesse cenário; ela veio para eliminar a distância entre as pessoas. Porém, a negatividade da distância entre eu e tu, na qual me torno diferente dele, revela o que há de belo em mim e o que há de belo nele. A beleza do contraste é o que o homem precisa. Han aponta que é a distância entre as pessoas que nos ajuda a descobrir o que há de vivo nas relações.

Assim, entendo a proximidade como diferente da ausência de distância. Na primeira, o eu se relaciona com o tu, fazendo trocas sem se misturar; na segunda, ocorre uma positividade que homogeniza, mistura, confunde e, por fim, coisifica. Isso não denota contraste, então não vivifica, deixando mais opaco e sem brilho o existir: se ele sou eu ou está dentro de mim, não faço trocas, não preciso dele se já tenho a mim.

“A atualidade disponível é a temporalidade do igual. O futuro, ao contrário, se abre ao evento que é absolutamente surpreendente. A relação com o futuro é a relação com o outro atópico, que não pode ser enquadrada na linguagem do igual.” (HAN, 2017, p. 16). Han diz que a temporalidade atual é a “temporalidade do clique”, pois não se permite considerar a relação com algo negativo à frente, e o futuro guarda a dimensão da incerteza, do não-eu. A busca pelo viver o igual diz respeito à repetição; o futuro será o mesmo do agora, e o passado é apenas acesso a informações, diferente da função real do passado, da memória, que é ressignificada conforme se vive.

Giovanetti (2019) resume a contemporaneidade e a experiência adoecedora humana em três impactos antropológicos do modo de ser: uma vida light, uma postura individualista e o existir nas redes sociais. Todos eles se coadunam com os elementos anteriormente abordados por Han.

O primeiro diz respeito à experiência subjetiva, que não encontra nutrição nas experiências com o mundo. Por isso, o termo “light” é utilizado, devido ao seu caráter sem gosto, cheiro e hipocalórico. As possibilidades de ser neste novo tempo são norteadas por imagens instantâneas e sensacionais, que constroem uma narrativa que deve ser vivida em lazer e prazer constantes, pois tudo é rápido e passageiro; aspectos mais profundos da existência não têm mais valor. Até os relacionamentos amorosos foram afetados, perdendo a responsabilidade afetiva e restando apenas o prazer, mediado por relações sexuais de consumo, totalmente superficiais. O que antes era um encontro autêntico e solidário agora se apresenta como uma experiência descomprometida e sem sustentação.

O segundo fala sobre o individualismo, pois perdeu-se a perspectiva de confirmação de si por meio de trocas existenciais com o outro, e a adesão ao modelo em que a confirmação

ocorre pela objetificação do outro. O outro passa a ser um trampolim de confirmação para um eu narcisista, encontrado, por exemplo, nas relações em larga escala promovidas pelo uso das redes sociais, e na crescente necessidade de se tornar uma figura pública nas redes para alcançar relevância na comunidade.

O terceiro disserta sobre a construção subjetiva do ser que vive nas redes sociais. Este cria perfis pessoais diferentes do eu real, almejando um eu exacerbado que terá destaque nas redes. Ao vivenciar e desfrutar dessa invenção, passa a misturar-se com o personagem. A identidade torna-se fragmentada, enquanto múltiplos eus são criados conforme a demanda e a metodologia do ambiente virtual, que muda com frequência constante.

Com isso, o que é mais próprio do ser some, restando apenas o ser alienado (GIOVANETTI, 2019), que só é caso consiga manter-se atualizado às tendências sociais. O esgotamento promovido pela alta demanda pode acarretar em uma doença psico-degenerativa, pois, para aliviar o peso da nova demanda existencial, a saída torna-se a fuga do eu imposto, escapando totalmente da própria realidade existencial.

Assim, diante do exposto, podemos hipotetizar que retomar os encontros existenciais poderia ajudar a sociedade contemporânea a recuperar parte de sua forma saudável de ser. A seguir, falarei mais sobre a necessidade do encontro existencial na atualidade, os desafios encontrados ao pensarmos nessa retomada, o que é o encontro propriamente dito e as possibilidades que ele traz.

3 *PODERÍAMOS IR ALÉM?*

Buber (2006), em sua obra *Eu e Tu*, é considerado um dos autores fundamentais para a compreensão da temática do encontro existencial, ao apresentar a dualidade antropológica da existência humana. Ele inicia sua reflexão distinguindo as duas palavras-princípio: *Eu-Tu* e *Eu-Isso*, que representam modos distintos de relação com o mundo. Segundo o autor, no *Eu-Tu*, o "Eu" coexiste com o "Tu", em uma relação de reciprocidade e presença plena, em que ambos os pólos se reconhecem como sujeitos. Já no *Eu-Isso*, há apenas a existência do "Eu", pois o "Isso" não possui voz ou presença autêntica — não se manifesta por si, apenas é objetificado. Buber exemplifica essa diferença ao destacar que apenas o "Eu" pode enunciar a própria existência, enquanto o "Isso" não pode declarar-se como tal. Dessa forma, o *Eu-Tu* traduz-se nas relações verdadeiramente humanas, marcadas pelo reconhecimento da alteridade, enquanto o *Eu-Isso* refere-se às relações objetificadas, nas quais o outro é tratado como uma coisa ou instrumento, incapaz de expressar-se autonomamente.

A hipótese levantada por Han para o declínio dos relacionamentos humanos seria a multiplicidade de escolhas e a pressão para otimização das mesmas. Até mesmo as relações amorosas e apaixonantes perderam seu sentido de união e tornaram-se performáticas. O desaparecimento do outro atinge todas as dimensões e acaba por tornar o homem individualista, narcisista e ensimesmado. A dimensão natural do eros humano seria em direção ao outro, mas, na contemporaneidade, não temos mais encontros; existe uma tentativa de igualização e apagamento da figura do outro. Assim, sozinhos, não temos encontros *eu-tu*, mas sim *eu-isso*, afastando-nos da assimetria, disparidade, diferença e exterioridade (*não-eu*) que o encontro traz.

Comparações são feitas em prol do consumo, narrando e imputando uma história de que deve-se ser igual, não ficar para trás, fazer parte. Para isso, precisa-se consumir, algo ou alguém? O outro nesta equação passa a ser um *isso*, então o encontro *eu-tu* desaba e permanece o *eu-isso*. Agora, o sujeito não é mais sujeito, mas torna-se objeto de consumo, escondendo e desconsiderando a dimensão da alteridade humana e impossibilitando que a negatividade que a alteridade traz exerça a criação de novas saídas criativas, co-construídas.

O sucesso do processo de narcisificação da sociedade fez com que o ser se concentrasse apenas em projeções de si mesmo, impedindo a diferenciação fora de si. A falta de contato com perspectivas contrárias e limites impede que aprendamos muito da realidade e do que podemos ou não fazer nas relações. Lembro-me bem de como, ao estudar esse tema, percebi que as redes sociais, com seus algoritmos, frequentemente mantêm as pessoas afixadas em determinadas

bolhas, prejudicando a expansão do contato humano para além de temas e das próprias redes. Uma experiência narcisificada — que também podemos chamar de egocentrada, ou qualquer sinônimo que indique que estamos voltados para nossos 'umbigos' e não para o mundo — resulta na não-reconhecimento da alteridade e permite que vagueemos “aleatoriamente nas sombras de nós mesmos, até que nos afogemos em nós mesmos” (Han, 2017, p. 7).

Lembro que, no capítulo anterior, mencionei que Han explica que as doenças deste século são consequências dessa postura. A depressão é apresentada por ele como uma enfermidade narcísica, pois remete a um olhar pesado e de extremo controle direcionado a si mesmo. Nela, podemos observar que é recheada de isolamento, perda de vínculos e o impedimento de compartilhar com o outro o momento abissal vivido, seja pela dificuldade nas relações ou pelo fato de que a doença é tratada como tentativas de conseguir atenção dos outros.

Portanto, se não posso desaguar no outro, acabo desaguardo em mim mesmo, afundando-me em meu próprio reflexo, imerso em um fluxo autodestrutivo. Penso que o sintoma de autojulgamento, comumente encontrado em pessoas com depressão, revela esse peso e a suposta falha no autocontrole que Han aponta, já que o depressivo frequentemente considera suas ações como falhas de controle e as julga como abismos de sua experiência depressiva.

Em uma experiência depressiva, na qual a conexão com o exterior encontra-se fechada, o eros não mostra caminhos, ocorrendo apenas um retorno (para si, em forma de auto agressão), ao invés de responder de forma saudável às afetações do encontro com o não-eu. A diferenciação e a confirmação do eu, que antes eram realizadas no encontro com o outro, na contemporaneidade, são convertidas em buscas por sucesso e resultados. Atualmente, em nossa sociedade, onde a busca pela eliminação da diferença tenta aplainar a todos, a desorientação e os empecilhos encontrados são muitas vezes o primeiro passo para retomar uma vida saudável. No contato com o outro, posso libertar-me da experiência narcisista, caso me aprofunde nas relações, ao ponto de promover uma mudança interna, desentupindo a via da boa troca do eu-não-eu que a experiência contemporânea inaugurou (Han, 2017).

3.1 Desafios para ir além

Entretanto, desafios para a retomada desses encontros se fazem presentes. Han coloca que, na sociedade do desempenho, a ideia central é poder (tudo posso), enquanto na sociedade

anterior vigorava o devo (deveres). Se antes o tio do Homem-Aranha nos ensinava que com grandes poderes vêm grandes responsabilidades, o que a sociedade do cansaço nos revela é que podemos apenas na dimensão objetal da vida. Bastaria o consumo, a produção e o sucesso, mas sem liberdade para deixar de lado e render-se ao cansaço.

- Um grande problema é revelado: o poder algo, voltado para o produtivismo e a autoexploração, nos impede de ir até o outro para compartilhar os desgostos que adoecem. Pois tudo que acontece é única e exclusivamente culpa e responsabilidade de quem vive, promovendo dor e medo, já que o tu pode estar atrelado diretamente ao projeto de vida: realizar-se na produção e por meio de símbolos de sucesso. Caso falhe, ele falha consigo mesmo (Han, 2017), restando apenas sofrer envergonhado e sozinho.

“A impossibilidade de desculpa e expiação é responsável também pela depressão do sujeito de desempenho.” (Han, 2017, p. 13). Ao contrário do homem do século passado, que podia alcançar a redenção por seus erros, essa nova estrutura se apoia na fórmula do poder e termina no autoflagelo. Diante da inexistência de desculpas e expiação, culpados pelo auto-fracasso, acabamos impedidos de optar por saídas criativas para superar esse estado, como se apoiar no afeto do outro.

“O tu podes gera coerções massivas nas quais, via de regra, o sujeito de desempenho se fragmenta.” (Han, 2017, p. 13). A meu ver, o ideal social imposto torna-se fragmentador, pois, além de exaurir e separar-nos, carrega uma ambiguidade contrária em si mesmo. Ao convocar ao tu podes, omite que só podemos enquanto relações objetais, e sem poder de fato tudo, não conseguimos tomar uma das mais importantes decisões curativas: escolher não poder. O humano, sem essa capacidade preservada, se entrega à ideia supracitada, implodindo no processo.

Dolorosa é a prisão que o poder proporciona, tendo em vista que ele retira toda a chance de resistência. Por exemplo, tivemos relevantes coletivos atuando em greves e manifestações, algo que agora se torna cada vez mais raro na contemporaneidade, haja vista o processo avassalador e contínuo de terceirizações, traduzido em afastamento e dissolução de possibilidades de agrupar-se como coletivo político (espontâneos ou articulados, como os sindicatos). O não não-poder-poder, com o outro, é uma negatividade e limitação que é fundamental para constituirmo-nos (Han, 2017). Quando se elimina o não-poder e vive-se uma experiência existencial de suposta liberdade totalizada apenas em ter-que-poder, todo encontro com o não-eu tem grandes chances de se tornar despotencializador e não nutritivo em sua essência.

Além disso, desafios estruturais também são encontrados, como os percebidos em Giovanetti (2019), que descreve o homem contemporâneo totalmente desorganizado e adoecido existencialmente. Este, abalado em sua base antropológica, enfrenta dificuldades para entender seu sentido de vida, seu mundo interior e externo. A grande quantidade de imperativos desnorteia o homem, impedindo-o de qualificar qual caminho seguir em sua vida, tornando-o alvo fácil para o que vem de fora. Seu mundo externo passa a ser constituído apenas pela expectativa do outro, sem viver a dialética própria do contato pessoal com o mundo. Sua vida torna-se um livro aberto, como encontramos comumente nos milhões de perfis públicos e abertos, nos quais as pessoas publicitam sua vida do início ao fim de seus dias.

Por fim, o mundo externo, especialmente as conexões humanas, ocorre apenas por meio do interesse objetal. O outro é, para mim, um meio para um fim de consumo: utilidade, prazer e ganho; são essas as considerações feitas para relacionar-se. Toda intimidade típica do relacionamento humano do século passado acaba, e apenas as aparências importam.

3.2 A relação que nutre

3.2.1 O Encontro

A relação com o outro é constitutiva do ser. Existem múltiplos tipos de relacionamentos, como os casuais, sexuais, de paixão, amizade, familiar, entre outros. Esses podem ou não ser nutritivos existencialmente, ou seja, têm a capacidade de promover mudanças existenciais em ambos os envolvidos. Quando um relacionamento é capaz de prover mudanças agregadoras para seus integrantes, assumindo uma postura colaborativa, esse relacionamento ganha o nome de encontro. Gosto de chamar de encontro existencial, devido à sua capacidade única de afetar o mais profundo do ser humano, mudando-o para seu bem.

Dois autores que gosto de considerar sobre relacionamentos nutritivos são Rogers (2017) e Giovanetti (2019). O primeiro descreve a relação, que chama de relação terapêutica, como aquela que possibilita o desenvolvimento pessoal dos participantes. Ela ocorre quando um sujeito conecta-se ao outro de forma a compreendê-lo como ele é, criando um vínculo verdadeiro e empático, afastando quaisquer julgamentos morais. Normalmente, esse é o

objetivo terapêutico de uma boa terapia, por parte do terapeuta, mas pode acontecer em qualquer tipo de relacionamento, desde que tenha as características mencionadas.

O segundo autor fala da relação que abordo, chamando-a de encontro. Esse nome faz mais sentido para a proposta desta monografia, pois até relacionamentos curtos, mas com a devida profundidade no vínculo, têm a capacidade de mudar os sujeitos de forma profunda. Ele nos ensina que, para ter um encontro, em sua essência, é preciso encontrar-se de forma integral, ter trocas de conteúdo subjetivo, falar do que se planeja para a vida, em suma, estar aberto para afetar e ser afetado pelo outro. As posturas esperadas pelos participantes dessa relação são: a humildade para deixar de lado o que é pessoal para acolher o que é do outro; o distanciamento de si para acolher o que é do outro, sem misturar-se; confiança entre os participantes; e, por último, a atenção à escuta, que, quando aguçada, será a melhor via de conexão entre os demais.

Aprofundarei, logo mais à frente, nas características do encontro, sabendo que em Giovanetti encontraremos exatamente o que buscamos para entender melhor a proposta desta monografia.

3.2.2 O encontro na atualidade

O encontro nasce de um movimento existencial básico natural ao ser humano. Han (2017) afirma que somos impulsionados, de forma não consciente, em direção a relacionamentos com o não-eu, chamando esse movimento de cupidez. Na sociedade do século anterior ao nosso, havia uma grande escassez de informações, levando à idealização das pessoas e até mesmo à supervalorização. Contudo, na contemporaneidade, o excesso de informações, via internet, fez com que a cupidez fosse desnaturada em sua característica inconsciente, começando a ser usada de forma racionalizada, aumentando o nível das expectativas em relação ao outro (como objeto de consumo), o que acaba decepcionando os envolvidos.

Ainda em Han (2017), encontramos uma força, o eros, que contribui para a tomada de decisões em direção ao mundo, pois nos leva a feitos compatíveis com nosso querer existencial mais próprio. Essa força não se relaciona exclusivamente com amor, desejo ou paixão, mas é uma dimensão existencial, dividindo espírito, coragem e razão. Na atualidade, o eros orienta apenas a alma, aquela que diz respeito ao desejo, à possibilidade de abertura para o não-eu, negligenciando as demais. A razão nos leva a relacionar-se para além do utilitarismo, e a coragem é onde encontramos a força vital que nos ajuda a afirmar e enfrentar a vida. Assim, ao

restringir a capacidade da alma apenas ao consumo e ignorar a dimensão que nos tira do utilitarismo e nos dá força para lutar contra o sistema que propõe apenas relações objetificadas, permanecemos na mesmice do isolamento existencial.

A cultura de consumo encontrada na sociedade consolida o que foi mostrado até agora. Ela afeta a cupidez e as expectativas; a primeira é de onde vem o desejo em direção ao outro, sem vontade de consumi-lo, mas de encontrá-lo, e a segunda é a capacidade imagética relacionada ao futuro, quanto ao que poderia estar por vir. A interação dessa cultura com os outros dois acaba restringindo nosso anseio frente ao outro pessoal e permitindo que apenas relacionamentos objetivos apareçam (quando encaro o outro como objeto). Com isso, só surgem imagens relacionadas a experiências para o consumo, e imaginar ser algo profundo para outra pessoa perde sentido, já que, no imperativo do tu podes, deve-se ao consumo.

O eros é um mediador bruto e revolucionário, que busca dias melhores, e a cupidez é o desejo em direção ao não-eu, aquele que constrói o sentido da relação, mas ambos são afetados pela política social voltada ao consumo. O capitalismo vai eliminando, por toda parte, a alteridade a fim de submeter tudo ao consumo. Além disso, o eros é uma relação assimétrica com o outro. Assim, ele interrompe a relação de troca. Sobre a alteridade, não é possível estabelecer um registro de controladoria. Ele não entra no balanço de débitos e créditos (Han, 2017).

Existe uma força dentro de nós que nos movimenta para o além, saindo da mesmice, quebrando o automático, o hábito. Mas quando reduzimos o outro a um objeto, na dimensão positiva do igual, na relação não aparecerá o negativo, o diferente, então não poderemos desbravar o que há no mais profundo do outro. Assim, o movimento inerente à cupidez não opera, e o eros, que nos tiraria do lugar-comum, do hábito, não responderá à dimensão existencial, parando apenas nos sentidos sensoriais comuns. Com isso, não é possível sentir-se com o outro, apenas existir de forma mecânica, laboral, bastando em desconforto. Portanto, sem eros, sobra apenas desejo, consumo, impulsionado pelo desconforto sensorial, que não toca o sentido da vida, tornando-se uma via repetitiva e aditiva, não acolhendo a possibilidade de uma escolha genuína.

3.2.3 O Encontro e a sua potência

O homem é o único ente a pensar sobre sua relação de encontro com outros entes, pois a relação eu-não-eu é constitutiva do ser. Existem diversos tipos de relações, porém apenas o homem é capaz de viver o encontro propriamente dito, como existencial. Giovanetti (2019) nos ensina que a vivência do sujeito se dá em uma perspectiva ontológica, considerando que ele se constitui por meio dessas interações e pensa sobre como elas o afetariam em seu vir-a-ser, sendo capaz de vivê-las como trampolim para seu crescimento. As demais relações, que não são experienciadas como encontro, não são foco desta obra.

Embora alguns concluam que o encontro existencial pode ocorrer em relacionamentos mais casuais até os mais profundos, não sendo exclusividade de amizades, relacionamentos amorosos, familiares ou terapeuta-cliente, é interessante notar que, mesmo em contextos clínicos, onde o objetivo principal é a melhoria da saúde e qualidade de vida do cliente, o encontro impacta ambos na relação. O encontro, necessariamente, precisa ocorrer por meio de uma troca mútua de conteúdo subjetivo (GIOVANETTI, 2019).

A necessidade de encarar como realidade a assimetria das relações é importante, pois em sua composição existirão, pelo menos, dois diferentes interagindo. É claro que dois iguais não fazem troca existencial, algo endossado pelos problemas encontrados na contemporaneidade (Han, 2015), e ainda é preciso reconhecer a necessidade de superar essas diferenças para que ocorra um verdadeiro impacto existencial (GIOVANETTI, 2019).

A base do encontro é demonstrada por Giovanetti (2019), onde é possível compreender que é um processo que passa pela dimensão sensorial, chamada por ele de dimensão física, e pela dimensão espiritual (GIOVANETTI, 2024), que (aqui) ele denomina de dimensão pessoal. A primeira resume-se no dar-se conta da presença do outro diante de si, sendo apresentada sensorialmente. Já a segunda fala sobre a reação à presença existencial do outro, resumindo-se a como o homem se posicionará diante do que foi apresentado. No encontro, isso acontece de modo completo, estabelecendo um eu-tu.

Em relações objetais (GIOVANETTI, 2019), será possível apenas interações diante dos aspectos sensoriais, e o ser coloca-se como centro da relação, podendo apenas analisar, manipular, interferir ou realizar quaisquer outras ações nas quais poderia ter diante de um ente esvaziado (acabado em si mesmo) de possibilidade de ser-em-conjunto. Deste, saberá apenas o que quer e precisa saber; o restante é irrelevante, pois não afeta a mais profunda seara, a ontológica, na qual realmente ocorre o encontro.

A escuta e o afastamento de si mesmo também são importantes, conforme Giovanetti (2019). A escuta pressupõe afetação pessoal, implicação e significação diante do que está sendo escutado. Escutar exige um movimento interno em direção ao externo, buscando entender o que está sendo dito, diferente da postura passiva do ouvir (algo apenas mecânico). Quanto ao afastamento de si, é preciso pensar que, antes de ir ao mundo, é necessário deixar de lado o que é pessoal, para chegar lá limpos de si e acolher o que é apresentado, sem esperar ou planejar nada pelo outro, bastando-se no que é apresentado no momento.

Um exemplo que pode ser pensado na ótica do encontro ou apenas de uma interação qualquer: seu pneu fura em uma via movimentada, alguém para e te ajuda a trocá-lo. Você interage, mas a única coisa que muda em seu dia é que o fato de alguém ter te ajudado a trocar o pneu fez com que você não chegasse atrasado para o trabalho, exemplificando uma interação qualquer.

Pela via do encontro, aquele que é ajudado e o que ajuda colocam para o outro como aquilo impacta para ambos, e ambos tornam-se outros após o acontecido. O primeiro, por exemplo, pode começar a acreditar que existem pessoas boas no mundo e que é importante fazer o bem ao próximo, para que o fluxo de bondade continue. O segundo, ao experimentar ajudar alguém que reconhece seus esforços, pode concluir que é possível ajudar as pessoas mesmo em pequenas ações e que isso faz da sociedade um lugar melhor.

Nos dois exemplos, a troca de pneu ocorreu e ambos participaram do acontecimento. Contudo, apenas no segundo caso, o do encontro, ambos sofreram mudanças existenciais. É possível observar, também, que mesmo com pouco tempo de troca, a abertura para a co-construção no momento a dois (participação pessoal de ambos) foi o fator primordial para que ambos pudessem viver esse momento como transformador.

Nesta forma de relacionamento, sou com a outra pessoa de modo a percebê-la como um processo de construção, inacabada, em direção ao futuro, como um projeto de vir-a-ser. É nesse tipo de interação que ocorre o encontro, que gosto de chamar de encontro-existencial, pois quando um ser se coloca como humano frente a outro – que o percebe em sua integralidade – aí, nossas existências podem afetar-se mutuamente. Dois inacabados, trocando um com o outro, construindo, atualizando, rumo a um futuro criativo co-criado, no qual as duas subjetividades são importantes e a existência dos dois na relação importa de tal forma que, se houver alguma mudança em um dos dois, o outro também é afetado.

Dá-se exemplo de nossos trabalhos como psicoterapeutas, nos quais promovemos nosso encontro com várias pessoas na semana, e conforme uma existência se altera, a outra também

é alterada. Assim, para ser um sujeito que promove encontros-existenciais, optando por influir na própria mudança e afetação dos demais, precisa-se assumir uma postura cotidiana que favoreça as vivências do tipo meu-mundo-mundo-do-outro. Ou seja:

- Estar aberto para trocas subjetivas com as pessoas, o que necessita de um alto nível de confiança na relação;
- Perceber o outro em sua dimensão sensorial e pessoal, estando disposto a superar as diferenças encontradas;
- Ter disposição para uma escuta apurada e atenta ao que o outro diz;
- Humildade para deixar de lado os conceitos, julgamentos e projetos pessoais, para acolher o que é mais próprio do outro;
- Demonstrar a verdadeira relevância do outro para sua vida.

Para que esse encontro seja agregador ou terapêutico, impactando positivamente na vida, é preciso assumir uma postura na qual o contato promova crescimento e implicação existencial. Essa relação precisa permitir que os participantes se expressem (existencialmente) enquanto indivíduos no mundo e que ambos contribuam para o desenvolvimento pessoal do outro.

Diante do exposto, pode-se entender que a sociedade atual perdeu boa parte de sua capacidade de interação humano-humano e que os encontros pessoais, ou encontros-existenciais (como gosto de chamar), estão cada vez mais escassos. Assim, entendendo a importância do encontro-existencial, abordarei o assunto, inserindo-o em uma análise de uma animação japonesa (anime), de nome *Sōsō no Frieren*, conhecido no Brasil como *Frieren e a Jornada para o Além*. Essa série conta a história de uma elfa que já viveu mil anos e tenta entender como funcionam os relacionamentos, pois em sua história nunca havia se atentado para a possibilidade de um encontro que pudesse considerar realmente relevante alguém.

4 ALÉM DA JORNADA

Em dezembro de 2023, conheci o anime “Frieren e a Jornada para o Além” (SōSō no Frieren, Sou Sou no Frieren, Frieren Beyond the Journey ou apenas Frieren), da autora Kanehiro Yamada, e fiquei apaixonado pela proposta da obra. Encantei-me com a jornada existencial apresentada, na qual retrata um sujeito que não acreditava que o mundo e as pessoas pudessem ser relevantes para sua própria existência. Por acaso do destino, conhece um grupo de aventureiros que a convida para a mesma jornada que pretendia fazer sozinha, como sempre.

Esta é uma obra de fantasia inspirada no período medieval, que foca nas relações interpessoais. Apesar da personagem principal, Frieren, ser uma elfa, suas capacidades não diferem das humanas e existenciais, comuns aos seres humanos. É perceptível que a autora utilizou a singularidade temporal da raça élfica como chave para explorar e justificar a personalidade da protagonista. Frieren é uma elfa que viveu mais de 1.000 anos, sendo possível supor que sua idade esteja entre 1.500 e 2.000 anos.

Destacarei apenas as características observáveis inicialmente na trama, pois, ao longo deste capítulo, pretendo mostrar como foi assistir à obra sob meu olhar, contextualizado pela temática do encontro existencial. A moça demonstra ter uma postura inicial tranquila e serena, com baixo nível de empatia e indiferente à maioria das situações que envolvem pessoas. Ela não faz questão de estar acompanhada, mostrando-se egoísta em muitos aspectos, preguiçosa, com pouquíssimos objetivos de vida e nenhum sentido para sua existência. O que sabemos inicialmente é que ela é uma elfa, que tem séculos de idade, o que a impede de olhar para os humanos com a mesma relevância e de tecer vínculos afetivos, como os humanos costumam fazer.

A questão temporal é constantemente frisada pela trama, pois Frieren não consegue lidar bem com a diferença de sua percepção temporal em relação à dos demais. Para ela, uma viagem de dez anos teria a mesma percepção de uma pessoa que viaja com um grupo e não consegue criar laços, por sentir que passou pouco tempo e não conheceu bem os outros.

Em Frieren e a Jornada para o Além, a personagem principal, a elfa Frieren, está retornando de uma aventura com outros três personagens, após derrotar o rei demônio. Com este novo tempo de paz, anunciado por seu retorno, precisam escolher o que farão da vida. Os dois humanos e o anão do grupo decidem morar em cidades próximas e levar uma vida sedentária, ao contrário da elfa, que opta por partir em uma pequena jornada (em seu entendimento) e retornar para visitar seus colegas.

O anime mostra como é crítica a diferença entre viver a passagem do tempo aos olhos de uma elfa e aos olhos humanos, sobretudo para um ser que tem mais de 1.000 anos. Ao retornar de sua busca por magias “inúteis”, reencontra seus companheiros já idosos (passados 50 anos) e presencia o falecimento de Himmel, seu colega guerreiro.

Assim, a obra nos convida a tentar entender como ela pensa e se sente, enquanto começa a perceber que havia criado vínculos mais importantes do que imaginava, especialmente com o grande herói Himmel. Após isso, decide sair em uma jornada para entender as memórias e ensinamentos criados na vivência com os agora amigos e para conhecer mais sobre os humanos. *Frieren e a Jornada para o Além* faz jus ao título e mostra de forma bela uma jornada de autoconhecimento e auto-permissão, já que busca ultrapassar as barreiras da introversão e vai em direção ao viver junto dos escolhidos por seu coração.

Utilizarei uma estratégia metodológica baseada no método comparativo e levantamento bibliográfico não sistematizado, tomando os primeiros dez capítulos da animação *Frieren e a Jornada para o Além* como ponto de partida para discutir a temática do encontro à luz da teoria fenomenológico-existencial. O método investigativo comparativo (Gil, 2008) visa viabilizar ao investigador meios para o estudo de fenômenos encontrados em diferentes grupos, sociedades, culturas e outros, permitindo compará-los. Seu resultado principal se traduz no esclarecimento de similaridades e diferenças encontradas, o que possibilita explorar padrões de comportamento relacional encontrados na obra e os descritos na bibliografia utilizada para falar sobre o encontro existencial.

Vejo este recurso como válido, pois pode atrair públicos fora do âmbito da psicologia e a obra consegue abordar o encontro existencial de maneira lúdica, afetuosa e leve. A escolha da abordagem psicológica tem relação com minha formação como psicólogo e psicoterapeuta, que encontrou nela uma forma bela e leve de ver o mundo.

Para apoiar-nos na base fenomenológico-existencial na contemporaneidade, na experiência humana e no encontro, busquei nos autores Byung-Chul Han (2015, 2017) e José Paulo Giovanetti (2017, 2019), por reconhecer suas notáveis relevâncias para os temas propostos nesta monografia. Com coração aberto e cheio de esperança, torço para que você, leitor, tenha sido instigado até aqui e, após ler o capítulo a seguir, possa permitir-se experimentar uma jornada além, acompanhada de belos encontros e, quem sabe, na companhia de *Frieren*.

4.1 Buscando além e os encontros

4.1.1 O que leva ao além

Em dezembro de 2023, conheci o anime (animação japonesa) “Frieren e a Jornada para o Além” (Sōsō no Frieren, Sou Sou no Frieren ou simplesmente Frieren), da autora Kanehiro Yamada, e fiquei encantado com a proposta da obra. Fui cativado pela jornada existencial apresentada, que retrata uma personagem inicialmente descrente da relevância do mundo e das pessoas para sua própria existência. Por obra do acaso, ela encontra um grupo de aventureiros que a convida a seguir o mesmo caminho que pretendia trilhar sozinha — como sempre havia feito até então.

Trata-se de uma narrativa fantástica, ambientada em um universo com elementos medievais, que prioriza as relações humanas. Apesar de a protagonista, Frieren, ser uma elfa, ela compartilha características muito próximas das capacidades e dilemas existenciais comuns aos seres humanos. É evidente que a autora utiliza a longevidade dos elfos como recurso para explorar e justificar a personalidade introspectiva da personagem principal.

Frieren é uma elfa que viveu por mais de mil anos — sendo possível estimar entre 1.500 e 2.000 anos. Destacarei apenas suas características iniciais, pois, ao longo deste capítulo, pretendo compartilhar com você como foi assistir à obra sob meu ponto de vista, contextualizado pela temática do encontro existencial.

A personagem demonstra, em um primeiro momento, uma postura serena e reservada, com baixa empatia, indiferente à maioria das situações que envolvem outras pessoas. Não faz questão de estar acompanhada, revela traços de egoísmo, certa preguiça e vive sem grandes objetivos ou sentido de vida. Sabemos, desde o início, que ela é uma elfa com séculos de existência — o que a impede de atribuir aos humanos a mesma importância que estes costumam dar uns aos outros. A questão temporal é recorrente na narrativa, evidenciando a dificuldade de Frieren em lidar com a diferença entre sua percepção do tempo e a dos demais. Para ela, uma viagem de dez anos pode parecer breve demais para criar laços significativos — é como se tivesse viajado com um grupo, mas não conseguisse se conectar por considerar o tempo insuficiente para conhecer verdadeiramente o outro.

4.1.2 Breve resumo da obra

Em *Frieren e a Jornada para o Além*, a protagonista retorna de uma longa missão com outros três companheiros, após derrotarem o Rei Demônio. Com o início de um período de paz, cada um precisa decidir os próximos passos de sua vida. Os dois humanos e o anão optam por se estabelecer em cidades próximas e levar uma vida tranquila. Já a elfa escolhe partir em uma breve viagem (segundo sua perspectiva) e, algum tempo depois, retornar para rever seus amigos.

A obra ressalta de forma sensível o contraste entre a vivência do tempo pelos humanos e pela elfa, especialmente em se tratando de alguém com mais de mil anos. Ao voltar de sua busca por magias consideradas “inúteis”, Frieren reencontra seus companheiros já envelhecidos — cinquenta anos se passaram — e presencia a morte de Himmel, o guerreiro do grupo.

A partir desse momento, somos convidados a compreender como ela pensa e sente, enquanto se dá conta de que havia desenvolvido vínculos mais profundos do que imaginava, especialmente com Himmel. Tocada por essa descoberta, Frieren decide embarcar em uma nova jornada, agora em busca de compreender as memórias e aprendizados construídos com seus antigos parceiros e conhecer mais sobre os humanos.

Frieren e a Jornada para o Além faz jus ao título, apresentando uma trajetória de autoconhecimento e abertura emocional, na qual a protagonista ultrapassa as barreiras da introspecção e caminha rumo à convivência com aqueles que conquistaram um lugar especial em seu coração.

4.1.3 Metodologia

Utilizarei uma abordagem metodológica baseada no método comparativo e no levantamento bibliográfico não sistematizado, tomando os dez primeiros episódios da animação *Frieren e a Jornada para o Além* como ponto de partida para discutir a temática do encontro, à luz da teoria fenomenológico-existencial. Segundo Gil (2008), o método comparativo visa fornecer instrumentos para o estudo de fenômenos em diferentes grupos, culturas ou contextos, possibilitando a identificação de semelhanças e diferenças. Isso permitirá explorar os padrões de comportamento relacional observados na obra e compará-los com os descritos nas

referências bibliográficas que tratam do encontro existencial. Dessa forma, será possível compreender como esses encontros se dão e os possíveis desdobramentos de tais relações.

Considero essa estratégia válida por acreditar que pode dialogar com públicos fora do campo da Psicologia, já que a obra aborda o tema do encontro de forma lúdica, afetiva e leve. A escolha por essa perspectiva teórica está relacionada à minha formação como psicólogo e psicoterapeuta, que encontrou na série uma maneira sensível e poética de enxergar o mundo.

Para sustentar a análise a partir da perspectiva fenomenológico-existencial e refletir sobre a experiência humana no tempo presente, elegi como principais referências os autores Byung-Chul Han (2015, 2017) e José Paulo Giovanetti (2017, 2019, 2024), cujas contribuições considero essenciais para os temas abordados nesta monografia.

Com o coração aberto e cheio de esperança, desejo que você, leitor, tenha se sentido tocado até aqui e, ao concluir o próximo capítulo, permita-se iniciar uma jornada para além — repleta de encontros significativos e, quem sabe, ao lado de Frieren.

4.1.4 Ato 1

A trama inicia-se com um grupo de aventureiros voltando de uma guerra vitoriosa contra o rei demônio. Eles são a maga elfa Frieren, o combatente humano Himmel, o sacerdote (ou clérigo) humano Heiter e o guerreiro anão Eisen. A jornada durou dez anos e aquele retorno anunciava a paz conquistada por eles (Figura 1). O primeiro assunto que presenciamos é como cada um pretende viver a nova vida, intuindo que não seria mais necessário viver em guerra.

Figura 1 - Momento em que Frieren, Himmel, Heiter e Eisen celebram a vitória, após a derrota do rei demônio.



Fonte: (Yamada, 2023).

Himmel, Heiter e Eisen decidem morar em cidades próximas, levando uma vida sedentária, enquanto Frieren retoma sua busca solitária por magias e promete aparecer “de vez em quando”. Passados cinquenta anos, ela retorna para levá-los a ver uma chuva de meteoros que acontece a cada meio século. No entanto, ao chegar, encontra Himmel e Heiter já idosos; Eisen, apesar de estar mais velho, não envelhece na mesma velocidade que os humanos, mas ainda assim não alcança a letargia do tempo élfico.

A maga os leva a um lugar longe das cidades (Figura 2), que possui um bom ponto para observar os meteoros passando. Esta jornada foi de uma semana, mas, para a maior parte do grupo, foi pesada e demorada para um idoso seguir. Pouco tempo após os avistamentos, o herói Himmel morre. Durante seu enterro, Frieren começa a questionar-se por que não tentou aprender mais sobre ele, mesmo sabendo que as pessoas vivem tão pouco. Então, nasce a vontade de conhecer melhor os humanos, partindo em uma nova jornada para conhecer como são os humanos e compreender suas memórias, daquela viagem de dez anos com o herói.

Figura 2 - Frieren leva o grupo após 50 anos, para ver a chuva de meteoros.



Fonte: (Yamada, 2023).

É possível observar que todos tinham um relacionamento amistoso; a maioria entendia como amizade, mas para Frieren aquilo foi vivido de forma confusa, não podendo ser compreendido como um encontro-existencial. Giovanetti (2017) nos explica que o homem está em relação com os demais o tempo todo, coexistindo e formando-se nesta coexistência. Contudo, o fato de estar em constante relação, mesmo que amistosa, não faz com que seja vivida como um encontro, algo que a maga só percebe após a morte de Himmel (Figura 3).

A decisão de sair para entender como de fato acontecem as relações humanas, após ser impactada pela morte de Himmel, demonstra como é preciso colocar a intencionalidade no encontro. Esta grande característica permite que o ser esteja com alguém em sua vida pessoal,

disposto a fazer trocas subjetivas, a dispor e entender os planos do outro, dimensão que só se abriu para Frieren quando percebeu que não teria mais esta oportunidade.

Figura 3 - Frieren tem sua primeira reação autêntica, enquanto o caixão de Himmel é enterrado.



Fonte: (Yamada, 2023).

A frieza que o próprio nome Frieren, traduzido do alemão, sugere, é uma espécie de apatia relacional ou uma empatia atrofiada (Figura 4). Isso é abordado em vários momentos da trama e convoca o espectador a pensar sobre as relações humanas e o tempo perdido que poderia ter sido gasto em bons encontros. Giovanetti (2017) coloca que outra característica dos bons encontros é o envolvimento recíproco, algo que só foi possível para a protagonista perceber após a perda.

Figura 4 - Frieren não demonstra, socialmente, estar afetada pela morte de Himmel.



Fonte: (Yamada, 2023).

Ao seguir sua nova escolha por vinte anos, ela retorna para visitar Heiter, entendendo a necessidade de se despedir corretamente antes que ele morra. Neste novo contato, percebe que o “clérigo defeituoso” (apelido dado por Frieren, após ver que ele era um alcoólatra) havia mudado, resgatando e adotando uma criança órfã de guerra (algo que Himmel, o herói, faria,

mas não ele). Diante disso, ela reconhece a mudança que Heiter teve que fazer para estar mais tempo com sua filha e conta como passou esse tempo tentando conhecer melhor as pessoas, reconhecendo que deve muito a ele e que precisa pagar antes que ele morra.

O clérigo e o anão Eisen perceberam, durante o enterro, como a morte de Himmel havia a afetado e resolveram tomar uma atitude quando ela retornasse. A ideia principal que concordavam era que eles morreriam e que ela precisaria de alguém para acompanhá-la em novas aventuras. Aproveitando essa nova fase da personagem, o atual bispo pede que ela leve Fern, mas Frieren recusa, pois acha que isso a atrasaria. Contudo, aceita outro pedido: ficar ali por cinco anos decifrando um grimório e ensinando-a magia.

O relacionamento de Fern e Heiter é de pai e filha. Ambos acreditam que a criança precisa tornar-se forte o bastante para cuidar de si mesma após a morte do sacerdote. Ela pensa, sobretudo, em honrar o esforço de seu salvador por meio da magia, algo que Frieren gosta e considera ajudar. É triste como Heiter conhece Fern em uma visita a uma zona de guerra, mas é lindo como o encontro dos dois muda suas vidas; realmente, o “clérigo defeituoso” abriu seu coração para a garota, considerando-a a mais importante em sua vida. Ele teve humildade e compaixão para, junto a ela, cocriar uma forma de que ela conseguisse viver após sua morte, sempre estando aberto para acolhê-la.

Fern não queria honrar Heiter por entender isso como uma dívida, mas desejava que seu amor sobrevivesse dentro dela. Assim, ambos, mesmo com pouco tempo juntos, puderam criar uma vida com um sentido bem definido, o que possibilitou a eles um crescimento existencial considerável. A protagonista ainda está engatinhando no aprendizado sobre o relacionamento humano, mas até agora, a abertura para o encontro, despertada pela morte de seu amigo, possibilitou que ela pudesse crescer e ter compaixão pela situação vivida pelos dois (Figura 5).

Figura 5 - Heiter quer que Fern não o veja morrendo, mas Frieren o aconselha a mantê-la perto.



e criar o máximo de memórias com ela, na medida do possível.

Fonte: (Yamada, 2023).

4.1.2 Ato 2

O bispo morre, e ambas se despedem dele de forma afetuosa, partindo para a continuidade da jornada de conhecer melhor as pessoas e entender as memórias criadas na viagem de dez anos da personagem principal. Fern começa a entender e sofrer com o relacionamento com Frieren, pois ela frequentemente decide aceitar trabalhos pouco relevantes (a princípio), mas que levam muitos meses. Elas acabam conversando sobre isso, e a elfa compreende que novamente sua percepção de tempo, em relação aos humanos, estava atrapalhando, concluindo que, a partir daquele momento, não se tratava apenas dela, mas sim de uma coexistência (Figura 6).

Figura 6 - Fern explica para Frieren que já se passou tempo demais.



Fonte: (Yamada, 2023).

É bonito ver a relação das duas florescendo e tornando-se um encontro-existencial. Neste ponto, Fern, mesmo com pouca idade (aparenta ter 10/11 anos), tenta fazer com que Frieren entenda seus limites e busque respeito e consideração. Por outro lado, a postura adotada pela elfa, que por muito tempo foi egoísta, começava a modificar-se, abrindo-se aos poucos para a participação do outro em sua existência, algo fundamental para um encontro (GIOVANETTI, 2017).

Frieren, cada vez mais, conhece Fern e percebe que similaridades se tornam evidentes. Uma das mais importantes neste ponto da obra é que ambas veem a magia da mesma forma; ambas gostam dela, mas não tanto quanto o sentido que está por trás de ser uma maga, que as torna especiais. Para a elfa, a magia representa as conexões que fez com sua já falecida mestra Flamme e com seus amigos aventureiros, sobretudo Himmel, que foi o primeiro a elogiar suas magias mais “inúteis”. Isso torna perceptível para Fern que ela também sente o mesmo, tendo seu pai como o maior admirador de seus feitos mágicos (Figura 7).

Figura 7 - Heiter admira as primeiras magias de Fern.



Fonte: (Yamada, 2023).

A magia mostra-se como um sentido coexistencial (GIOVANETTI, 2017) para as duas, tendo em vista que reconhecem sua posição existencial de ser-para-o-outro. Contudo, ressignificaram este pilar antropológico como algo próprio, cada uma observando como aquilo se apresentava em sua vida, mas reconhecendo que ambas eram iguais nesse aspecto.

O primeiro aniversário de Fern com sua nova mestra ajuda a entender que os velhos costumes egoístas da nova mestra faziam com que ela não confiasse plenamente em suas decisões. Ao chegar em uma nova cidade, dividiram-se para organizar suprimentos para seguir viagem, mas a jovem a segue em busca de flagrá-la gastando o dinheiro da equipe em coisas fúteis. Ao final do dia, ela descobre que, na verdade, Frieren estava procurando um presente para dar a ela e um lugar com doces gostosos, para que pudessem comemorar o aniversário (Figura 8). Durante a comemoração, a mestra abre seu coração e diz que ainda não conhecia nada sobre sua jovem pupila, mas que tinha interesse em conhecê-la mais.

Esse movimento existencial de Frieren fez com que Fern percebesse que ela realmente se interessava por ela, mesmo sem conseguir gerir a relação como os humanos, fortalecendo o vínculo, criando mais confiança e permitindo que novos encontros existenciais pudessem acontecer. Giovanetti (2017) ressalta como a confiança é essencial para o estabelecimento do encontro e, aqui, é possível ver como as duas estão construindo esse pilar.

Essa relação permite que as trocas sejam mais constantes e que a quantidade de encontros entre as duas aumente. Neste ponto da obra, a jovem está com dezesseis anos, passando, à altura, sua mestra, e tem que lidar novamente com a dificuldade da mestra em viver o tempo conjunto. Em alguns momentos, a pupila cuida da elfa como se fosse sua mãe, como quando cuida de seu despertar (Figura 9). Para Frieren, a relação entre as duas é positiva e admite que estar junto de Fern a tornou menos apática e preguiçosa.

Figura 8 - Juntas comemoram o aniversário de Fern, em um belo restaurante.



Fonte: (Yamada, 2023).

Esta relação permite que as trocas sejam mais constantes e que a quantidade de encontros entre as duas aumente. Neste ponto da obra, a jovem está com dezesseis anos, passando, à altura, sua mestra, e tem que lidar novamente com a dificuldade da mestra em viver o tempo. Em alguns momentos, a pupila cuida da elfa como se fosse sua mãe, como quando cuida de seu despertar (Figura 9). Para Frieren, a relação entre as duas é positiva e admite que estar junto de Fern a tornou menos apática e preguiçosa.

O motivo de estarem nesta nova cidade é que, no passado, seu grupo havia assistido a um nascer do sol que descreveram como o melhor de todos. Infelizmente, a maga estava dormindo, algo que os companheiros anteriores não sabiam lidar e a deixavam dormir até muito tarde. Desta vez, a elfa queria assistir ao nascer do sol e ver o que havia de espetacular em um evento cotidiano e, a princípio, sem significado maior.

Figura 9 - Fern tenta lidar com o jeito de ser de sua mestra.



Fonte: (Yamada, 2023).

Desta vez, Fern a acorda e juntas vão assistir ao evento. Frieren descobre que é apenas um pôr do sol qualquer; no entanto, o fato de estarem juntas era o que importava. A felicidade da jovem ao ver algo tão belo fez a elfa ser tocada, permitindo que entendesse onde se

encontrava o “algo maior” que buscava (Figura 10). Isso já estava ali o tempo todo: uma relação de amizade que, poeticamente, poderia ser entendida como um belo nascer do sol na coexistência inter-humana.

Figura 10 - Frieren e Fern assistem ao pôr do sol.



Fonte: (Yamada, 2023).

4.1.3 Ato 3

Nossa protagonista tem sorte de encontrar pessoas que se compadecem de suas dificuldades existenciais. Até então, ela encontrou seus três amigos aventureiros, Fern e sua mestra Flamme, esta que foi a maior maga da história humana. Ela foi quem resgatou Frieren após um ataque do exército do rei demônio ao povoado da elfa e a ensinou boa parte do que sabe, inclusive como seria possível se vingar dos demônios e de seu rei.

Abordo este assunto, pois a grande maga já intuía que sua pupila um dia encontraria pessoas que despertassem algum interesse genuíno em conhece-las profundamente, algo que poderia ser tarde demais, quando ela se desse conta. Então, escreve um livro endereçado a ela, contendo segredos para comunicar-se com os mortos, possibilitando-a remediar os arrependimentos envolvendo os relacionamentos que não explorou verdadeiramente.

Outra pessoa que pensou da mesma forma e incentivou Frieren a buscar o referido grimório foi Eisen, o anão guerreiro. Com a desculpa de que precisava do livro para uso próprio, guiou a elfa na breve busca desse objetivo, mas com o real interesse embasado na aproximação dela com o falecido Himmel, o herói. Assim, diante dessa nova possibilidade, um novo capítulo na história da maga se inicia.

A humildade adotada pelos companheiros de Frieren, para encarar o não-saber, sobre o que ela se tornaria, é outra característica do encontro humano (GIOVANETTI, 2017). Essa abertura para a realidade vivida pela maga possibilitou que tivessem sensibilidade suficiente para ajudá-la a encontrar formas de reparar seus arrependimentos, dando-lhe a chance de sonhar com pessoas que já se foram.

A trama toma um novo rumo; agora, Frieren e Fern vão ao norte para encontrar o local descrito no livro como uma espécie de morada das almas. Lá, a grande maga Flamme conseguiu (viva) reencontrar seus amigos e matar a saudade. Um novo personagem também é inserido: um pupilo do guerreiro anão Eisen, chamado Stark, que é um guerreiro humano de idade próxima à de Fern (16 anos) (Figura 11). Ele é um jovem que teme a batalha e fugiu de seu treinamento após perceber que estava com medo de lutar.

Figura 11 - Frieren e Fern conhecem Stark.



Fonte: (Yamada, 2023).

A coragem, compreendida como um exercício existencial na dimensão espiritual humana (responsável pelas deliberações e tomadas de decisão), só existe diante do medo. Sendo enfrentamento do temor o que a torna possível; como ato existencial, pode ser cultivada no contexto dos encontros significativos. E é justamente por meio da convivência com Fern que Stark começa a entender esse conceito e decide enfrentá-lo ao se unir a elas para enfrentar um dragão.

Mesmo com pouco tempo de convívio, Fern compartilha sua própria experiência: ela também sentiu medo, mesmo estando bem treinada. Explica que a verdadeira coragem se manifesta de maneira instintiva, quando nos colocamos na cena do perigo. Diante da escuta atenta e da abertura mútua (GIOVANETTI, 2017), Stark revela como aquele vilarejo era importante para ele, por ter sido bem acolhido ali, e entende que precisava protegê-lo do monstro. Esse momento de troca permite a ele amadurecer e agir apesar do medo (Figura 12).

Com isso, encerro a análise dos dez episódios propostos. Espero que o conteúdo tenha despertado o interesse em assistir ao restante da animação, que atualmente conta com vinte e oito episódios. Agradeço pela confiança e finalizo este capítulo com uma breve reflexão pessoal e um resumo das temáticas encontradas ao longo da obra, especialmente no que se refere ao entendimento sobre o encontro-existencial.

Figura 12 - Stark enfrenta o dragão.



Fonte: (Yamada, 2023).

Ao longo deste capítulo, propus uma leitura comparativa entre as vivências dos personagens de Frieren e a Jornada para o Além e os fundamentos do encontro-existencial, conforme compreendido pela abordagem fenomenológico-existencial. Escolhi essa obra por entendê-la como uma excelente representação prática do tema: a história da personagem principal nos mostra que viver muito não significa, necessariamente, ter vivido bem ou em encontro com os outros. Sua trajetória ensina que, mesmo alguém que perdeu sua terra natal e atravessou séculos de solidão, pode encontrar, em um verdadeiro encontro, uma oportunidade de transformação.

A opção pelo método comparativo possibilitou colocar em diálogo as experiências da animação com os conceitos que fundamentam esta monografia, evidenciando pontos de convergência entre a vivência dos personagens e os princípios que moldam nossa compreensão sobre as relações humanas, o encontro e a transformação pela presença do outro. O que percebi na elfa "Fria" (Frieren) foi, aos poucos, o aquecimento do "eu", traduzido na possibilidade de se abrir para ser afetada e, sobretudo, no desejo de afetar o outro de volta — movimento essencial para que um encontro genuíno aconteça.

Durante muito tempo, Frieren viveu suas relações como se fossem meras companhias de viagem, sem vínculos afetivos profundos. No entanto, foi justamente o impacto da perda que

a despertou para a urgência de olhar o outro com mais inteireza e comprometimento. A partir daí, cada nova troca passou a carregar um potencial de sentido e crescimento pessoal.

(Início do flashback)

Eisen: Não tomará nenhum aprendiz?

Eisen: Acho que seria bom ter alguém com quem conversar durante a jornada.

Frieren: Seria perda de tempo. Eu ensinaria várias coisas, e ele morreria logo, de qualquer forma.

Eisen: Frieren, os relacionamentos não funcionam assim.

Frieren: É exatamente assim. A aventura com vocês não representou nem um centésimo da minha vida.

(Fim do flashback)

Frieren: Talvez eu tenha dito algo assim.

Eisen: Que interessante.

Frieren: O quê?

Eisen: Que aquele centésimo tenha te mudado.

(Yamada, 2023, [s.n.]).

Este capítulo conclui que o encontro, enquanto experiência existencial, não acontece por acaso — e pode, de fato, ser transformador. No entanto, exige de quem o vivencia uma abertura genuína, presença real, escuta sensível, humildade e o reconhecimento do outro como sujeito. Assim como Frieren passou a se transformar a partir dos encontros que finalmente escolheu viver, que também nós sejamos capazes de repensar como temos nos relacionado — e o quanto temos permitido que o outro exista, verdadeiramente, em nossa vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nasceu do desejo de compreender o valor das relações para a existência humana. Ele só foi possível graças à presença de pessoas fundamentais em minha vida: minha noiva, que sempre me apoiou mesmo quando me faltava confiança; meu orientador, que me acolheu; minha psicóloga, que me ajudou a lidar com a ansiedade, especialmente ligada aos processos de ensino e aprendizagem; e uma leitora empática da banca de conclusão do curso. Nos dois primeiros capítulos, percorremos caminhos que buscaram compreender como se dão as relações na atualidade, o que caracteriza o encontro e se ele poderia representar uma alternativa para a melhoria dos vínculos interpessoais atuais. O uso da obra *Frieren e a Jornada para o Além*, no terceiro capítulo, teve como objetivo oferecer uma abordagem acessível e sensível, especialmente ao público fora da psicologia, demonstrando como a teoria do encontro pode ser vivida nos diversos contextos.

No primeiro capítulo, explorei as dinâmicas contemporâneas que dificultam o encontro inter-humano. A cultura do desempenho, a positividade tóxica e o individualismo foram apresentados como forças que promovem o isolamento e impedem trocas autênticas e genuínas. Essa análise revelou um cenário de adoecimento das relações, marcadas pela objetificação e utilitarismo.

No segundo capítulo, aprofundi o conceito de encontro-existencial. Com base em autores como Giovanetti, apresentei as condições essenciais para que ele ocorra: presença e abertura, escuta atenta, confiança, humildade e valorização real do outro. Reforcei a ideia de que, apesar dos desafios atuais, ainda é possível — e talvez urgente — cultivar espaços e momentos para relações significativas.

O terceiro capítulo levanta a possibilidade de mudarmos o cenário atual. Apresentei reflexões sobre o papel das relações verdadeiras em uma sociedade marcada pela superficialidade e os obstáculos que precisam ser enfrentados para que elas se concretizem. E apresentei o encontro-existencial como possível saída, mas apenas aos dispostos a ter um posicionamento intencional, nascido de uma escolha existencial.

Por fim, no quarto capítulo, utilizei o anime *Frieren e a Jornada para o Além* como exemplo de como obras artísticas podem iluminar sobre o processo de abertura ao outro e à construção de vínculos transformadores. *Frieren*, a Fria, é inicialmente apática e distante, passa a se aquecer nas relações que vivencia, tornando-se capaz de promover encontros-existenciais.

Essa trajetória reforça a ideia de que não estamos condenados ao adoecimento nas relações e que é possível superar o isolamento, permitindo-se afetar e ser afetado.

Ao encerrar esta monografia, reconheço que muitos caminhos ainda podem ser trilhados a partir desta reflexão. Destaco alguns temas que podem ser aprofundados em futuras pesquisas: O encontro terapêutico como espaço privilegiado de reconstrução do ser-aí; O encontro como via de acesso ao sentido da vida; Implicações de uma postura voltada ao outro em uma sociedade centrada no eu; A formação de profissionais da saúde capazes de promover o encontro como ferramenta de cuidado.

Desejo que este trabalho seja uma porta para que você, leitor, possa se abrir à aventura de encontros verdadeiros, rumo a uma vida mais autêntica e significativa. Como nos mostra Frieren e a Jornada para o Além, coexistir nunca foi sobre a quantidade de tempo ou o número de pessoas que conhecemos, mas sim sobre a qualidade da presença que oferecemos ao outro.

REFERÊNCIAS

- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 10. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- FLINK, Uwe. *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FRIEREN Anime. *Informações gerais sobre a série*. Disponível em: <https://frieren-anime.jp>. Acesso em: 15 maio 2025.
- FRIEREN Wiki. *Frieren: Beyond Journey's End*. Disponível em: [https://frieren.fandom.com/wiki/Frieren:_Beyond_Journey%27s_End_\(Anime\)](https://frieren.fandom.com/wiki/Frieren:_Beyond_Journey%27s_End_(Anime)). Acesso em: 15 maio 2025.
- GIL, Antônio C. *Modos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIOVANETTI, José P. *Fenomenologia da afetividade 1: compreensão antropológica dos afetos*. Belo Horizonte: Mosaico, 2024.
- GIOVANETTI, José P. *Psicoterapia fenomenológico-existencial: fundamentos filosófico-antropológicos*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- GIOVANETTI, José P. O adoecimento existencial no século XXI. In: CARDOSO, Cláudia Lins; GIOVANETTI, José Paulo (org.). *Sufrimento humano e cuidado terapêutico*. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2019, p. 47-74.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. São Paulo: Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. *A agonia do eros*. São Paulo: Vozes, 2017.
- POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit, Os Dois Nascimentos Do Homem, Escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Viaverita, 2011, p. 13-28.
- ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- YAMADA, Kanehiro (Roteiro). *Frieren e a jornada para o além (Sōsō no Frieren)*. [S.l.]: Crunchyroll, 29 set. 2023. 1ª temporada, episódios 1 ao 10. Série de anime. Disponível em: <https://www.crunchyroll.com/pt-br/series/GG5H5XQX4/frieren-beyond-journeys-end>. Acesso em: 15 maio 2025.